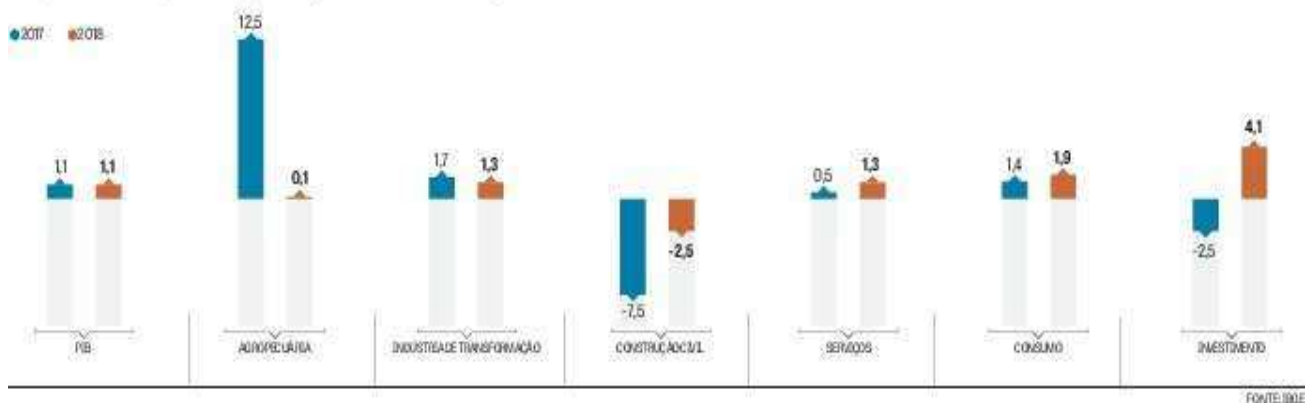


Atividade no País deve registrar baixo dinamismo neste primeiro semestre

Indústria em ritmo ainda lento, por causa de pouca competitividade e da crise argentina, limitará expansão do PIB no curto prazo; economia brasileira cresceu 1,1% em 2018 e repetiu alta de 2017

DESEMPENHO FRACO Variação anual do PIB e seus componentes ▶ Em%



PAULA SALATI • SÃO PAULO

A economia brasileira ainda deverá apresentar pouco dinamismo no curto prazo, influenciada, especialmente, pela dificuldade de reação industrial nesse primeiro semestre, avaliam especialistas.

Em 2018, o Produto Interno Bruto (PIB) cresceu 1,1%, repetindo, dessa forma, a mesma taxa de expansão de 2017, segundo divulgou ontem o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O diretor de Estudos e Políticas Macroeconômicas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), José Ronaldo de Souza Júnior, diz que o resultado, apesar de esperado, veio abaixo das previsões feitas pelo mercado até maio de 2018 (+2,5%). “Esperávamos

INFORME

que a economia, em 2018, se recuperasse em um ritmo mais forte do que em 2017. Porém, as incertezas provocadas pelo ambiente das eleições e a influência direta da greve dos caminhoneiros na produção industrial frustrou bastante o desempenho”, diz.

O sócio-diretor da MacroSector Consultores, Fábio Silveira, destaca que é justamente a atividade industrial que ainda preocupa. “Os serviços são a maior parte do PIB [73,3%], mas o motor de arranque da economia é a indústria. É ela [indústria] que demanda um volume significativo de serviços”, destaca Silveira.

Após quatro anos seguidos de queda, o PIB industrial avançou 0,6% em 2018. Já os serviços tiveram o seu segundo ano consecutivo de alta, ao registrar aumento de 1,3%. A agropecuária, por sua vez, ficou estagnada (+0,1%).

Na avaliação de Silveira, o que “emperra” a expansão industrial é a baixa competitividade do setor em relação aos demais países, provocada, entre outros fatores, pela elevada carga tributária. “Mas ninguém está pensando nisso. Há um discurso de que a economia irá deslanchar depois da aprovação da reforma da Previdência Social. Porém, não há evidências que garantem que isso vai acontecer; que o empresário vai se animar depois disso”, alerta Silveira.

Ele admite que, assim como ocorreu em 2017, os serviços – com destaque para o comércio varejista – continuarão dando sustentação ao crescimento do PIB, que deve avançar 2% este ano, na sua avaliação. “O varejo é o que está andando melhor, devido à expansão razoável do crédito; da queda da taxa básica de juros [Selic]”, diz Silveira. “Porém, sem a indústria, a atividade do comércio e dos serviços não vão conseguir se sustentar”, argumenta.

O Instituto Brasileiro de Executivos de Varejo e Mercado de Consumo (IBEVAR) prevê uma expansão de 3,5% do varejo ampliado em 2019, determinado pelos segmentos de veículos e material de construção.

O economista da MacroSector reforça que durante os dois primeiros trimestres do ano, o PIB deve registrar crescimento entre 0,2% e 0,3% na margem (contra o trimestre imediatamente anterior).

Crise na Argentina

A pesquisadora do FGV IBRE, Luana Miranda, também avalia que a indústria brasileira não deve ter “bons resultados” no primeiro e segundo trimestres de 2019, impactados, especialmente, pela crise argentina. “Esse cenário deve se refletir não só na produção de

INFORME

automóveis, mas também de máquinas e equipamentos e produtos químicos”, diz Miranda. A projeção do FGV IBRE é que o PIB expanda 2,1% este ano, puxado por serviços.

Já Souza Jr. aposta em uma reação da construção civil, que amargou o quinto ano consecutivo de queda em 2018 (-2,5%). Isso porque as atividades imobiliárias cresceram 3,1% em 2018, o que significa que há uma diminuição dos estoques de imóveis.

A coordenadora de Contas Nacionais do IBGE, Rebeca Pallis, explicou ontem que a alta de 1,1% do PIB em 2018 levou a economia para o mesmo patamar do primeiro semestre de 2012. Segundo ela, o PIB ainda roda 5,1% abaixo do pico alcançado pelo indicador no primeiro trimestre de 2014.

Pelo lado da demanda, o que ajudou o PIB de 2018 foi o consumo das famílias (1,9%) e a Formação Bruta de Capital Fixo (4,1%). O gasto do governo ficou estagnado.

Confiança empresarial recua em fevereiro após quatro altas

O Índice de Confiança Empresarial (ICE) da Fundação Getúlio Vargas caiu 0,7 ponto de janeiro para fevereiro e atingiu 97 pontos. A queda ocorreu depois de quatro altas consecutivas do indicador, que mede a confiança dos empresários da indústria, serviços, comércio e construção.

O Índice de Situação Atual, que mede a confiança dos empresários no momento presente, subiu 0,9 ponto. Com essa, que foi a quinta alta consecutiva, o subíndice chegou a 92,2 pontos, o maior nível desde junho de 2014.

Por outro lado, o Índice de Expectativas, que mede a confiança no futuro, caiu 1,5 ponto, depois de avançar por sete meses seguidos, fechando fevereiro em 101,7 pontos.

Incertezas

Já o Indicador de Incerteza da Economia caiu 0,2 ponto para 111,3 pontos em fevereiro. Apesar da queda, o indicador continua em patamar considerado elevado em termos históricos. /Agência Brasil

INFORME

Emprego formal avança em janeiro

DA REDAÇÃO • SÃO PAULO

O emprego formal no Brasil manteve a tendência de crescimento e fechou janeiro de 2019 com saldo positivo de 34.313 postos de trabalho. Foi o segundo melhor saldo do mês janeiro desde 2013.

As informações são do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), divulgado ontem pela Secretaria Especial de Previdência e Trabalho do Ministério da Economia. O resultado positivo decorreu de 1.325.183 admissões e 1.290.870 desligamentos. Nos últimos 12 meses, houve crescimento de 471.741 empregos, representando variação de +1,24%.

Em termos setoriais, houve crescimento em cinco dos oito setores econômicos. Os dados registram expansão no nível de emprego em serviços (43.449 postos), indústria de transformação (34.929 postos), construção civil (14.275), agropecuária (8.328 postos) e extrativista mineral (84 postos).

Ocorreu redução no nível de emprego nos setores do comércio (-65.978 postos), administração pública (-686 postos) e serviços industriais de utilidade pública (-88).

O setor de serviços foi o principal destaque na geração de emprego de janeiro. Foram registradas 573.615 admissões e 530.166 desligamentos, resultando em um saldo de 43.449 postos de trabalho, um crescimento de 0,25% sobre o mês anterior. Esse resultado foi impulsionado pelo subsetor do comércio e administração de imóveis, valores Mobiliários e serviço técnico (23.318 empregos), serviços médicos, odontológicos e veterinários (15.163 empregos) e ensino (5.152).

O segundo maior saldo positivo de janeiro foi da indústria de transformação. Foram registradas 236.226 admissões e 201.297 desligamentos, ocasionando saldo positivo de 34.929 postos e o crescimento de 0,49% em relação a dezembro. Os destaques foram a indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecidos (9.276 postos, +1,13%), calçados (5.870 postos, +2,13%) e indústria mecânica (5.502 postos, +1,03%).

A construção de edifícios teve 5.828 postos, montagem de instalações industriais e de estruturas metálicas (3.884 postos) e obras de acabamento com 1.862 postos criados.

(Fonte: DCI – 01/03/2019)

4